

# A História da Salvação

A *Sacrosanctum Concilium* começa a tratar da natureza da Liturgia lembrando em grandes linhas, em seu artigo n. 5, a história da salvação. No início desta história está, para o Concílio Vaticano II, a vontade de Deus de “salvar e fazer chegar ao conhecimento da verdade todas as pessoas humanas” (1 Tim 2,4). Para conseguir isso, Deus acompanha toda a história, particularmente a do seu povo eleito, comunicando-se com ele sobretudo pelos profetas, mas finalmente por seu próprio Filho. Jesus completou a obra da redenção da humanidade e da glorificação de Deus principalmente pela sua morte e ressurreição. Já neste primeiro artigo do item sobre “A natureza da Liturgia”, o Concílio como que prolonga esta história de Deus com a humanidade, dizendo que por Jesus Cristo “nos foi comunicado a plenitude do culto divino” e que “do lado de Cristo dormindo na cruz nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja”. Nem devemos esquecer que o Concílio vê, no mesmo contexto, nas “maravilhas divinas operadas no povo do Antigo Testamento” um “prelúdio” da “obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus” que Jesus Cristo realizou em sua páscoa.

De fato, já antes de serem criados o céu e a terra, o Espírito do Senhor pairava sobre as águas (cf. Gn 1,2) e, já “antes da fundação do mundo” existia o plano de Deus, “o mistério da sua vontade” [...] “de levar o tempo à sua plenitude e de em Cristo encabeçar todas as coisas” (Ef 1,4.9-10).

No evento histórico Jesus Cristo, mais precisamente, na sua morte e ressurreição, a história da salvação chegou a seu ponto culminante, mas não a seu fim. Também no tempo da Igreja e até o fim dos tempos, Deus acompanha a nossa história, até que ele, Deus, “seja tudo em todos” (1 Cor 15,28).

Quem explica esta verdade do prolongamento da história da salvação com uma clareza sem par é o documento de Medellín. Na euforia do seu tempo, mas não sem razão, os bispos latino-americanos expressaram assim a sua convicção sobre a história que viviam: “No umbral de uma nova época da história do nosso continente [...] não podemos deixar de interpretar este gigantesco esforço para uma rápida transformação e desenvolvimento como evidente sinal da presença do espírito que conduz a história dos homens e dos povos. [...] No dia definitivo da salvação Deus ressuscitará também nossos corpos, por cuja redenção

gememos agora [...]. Cristo, ativamente presente em nossa história, antecipa o seu gesto escatológico não só no desejo impaciente do homem para alcançar sua total redenção, mas também naquelas conquistas que, como sinais indicadores do futuro, o homem vai fazendo, através de uma atividade realizada no amor (Cf . GS 38)” (Doc. de Med., Introdução, 5).

O que os bispos latino-americanos declararam assim no ano de 1968 em Medellin sobre a história da salvação, vale também hoje e vale no mundo inteiro: Deus continua guiando o seu povo pela história até a sua consumação no fim dos tempos.

E é esta história que celebramos na Liturgia. Portanto, não somente aquela de Jesus de Nazaré, que o Jesus histórico viveu durante trinte e três anos aqui na terra, mas também os prelúdios dela no Antigo Testamento e a continuidade dela no sofrer e ressuscitar dos membros do seu corpo, enquanto caminham nesta terra, a história de todos os povos e da criação inteira, pois, pelo seu Espírito, Jesus está presente e ativo em tudo e levará, um dia, tudo ao Pai. Assim celebramos com a páscoa de Cristo a páscoa do povo, e, com a nossa páscoa a páscoa do Senhor, do Cordeiro imolado na cruz e exaltado à direita do Pai.

### **Perguntas para Reflexão individual ou em grupo:**

1. Por que o Concílio Vaticano II trata em seu documento sobre a Liturgia também da história da salvação?
2. A história da salvação abrange que espaço de tempo? Todo este tempo é salvífico? Por que?
3. Em que consiste o caráter salvífico de cada uma destas épocas?
4. Como entram as diversas épocas da história da salvação em nossas celebrações dominicais?